

HISTÓRIAS NO FIO DA MEMÓRIA: A LITERATURA INFANTOJUVENIL NAS CONTAÇÕES DO PIBID PEDAGOGIA/SEROPÉDICA

Letícia da Silva Costa¹; Flávia Regina Sampaio Adolfo²; Thamiris Mariane de Araujo do Nascimento³ & Fabrícia Vellasquez Paiva⁴

1. Discente do Curso de Pedagogia, IE/UFRRJ; 2. Discente do Curso de Pedagogia, IE/UFRRJ; 3. Discente do Curso de Pedagogia, IE/UFRRJ; 4. Professora do DTPE/IE.

Palavras-chave: contação de história; literatura; memória; identidade docente.

Introdução

O presente trabalho é fruto das atividades que vêm sendo desenvolvidas por um grupo de bolsistas do subprojeto de Pedagogia/Seropédica da UFRRJ no âmbito de um programa de iniciação à docência. Tal projeto tem como objetivo trabalhar com alunos da Educação Infantil e das Séries Iniciais, valorizando a memória, individual e coletiva, no sentido de compreender a História Local, tendo como objeto de estudo a literatura infantojuvenil. Partimos do referencial teórico de Benjamin (1987), segundo o qual a perda da memória, e o querer esquecer, por vezes, representam um grave problema para a sociedade que perde sua história, seu resgate, seu conhecimento de si mesma. Perde, com isso, as experiências necessárias para a construção do próprio futuro; ou, em outras palavras, da continuidade do seu presente (Kramer, 1993). Assim, com a intenção de buscar junto às crianças a história guardada na memória familiar, individual e coletiva, da comunidade em que vivem, da língua que falam, a literatura infantojuvenil foi escolhida justamente porque acreditamos que a exemplaridade e a ficcionalidade, presentes nas obras, podem auxiliar no autoconhecimento e na identidade que as crianças, desde muito pequenas, já buscam. É como se a experiência ainda incompleta da realidade pudesse ser preenchida através dos textos literários, conferindo aos pequenos uma história, um nome, um vínculo (Zilberman, 1985). A busca da identidade nas crianças, no entanto, não é algo facilmente construído. Afinal, segundo Lajolo (2008), a própria noção de criança também é alterada com o tempo; e embora a literatura infantojuvenil seja atemporal, ela precisa estar articulada com os anseios da criança se quisermos que sua identidade e sua memória possam ser representadas por essa arte. Logo, por se tratar de uma turma ainda não alfabetizada oficialmente, a literatura oral – através de textos próprios ou por outros *também* lidos – foi escolhida também por representar essa autoria coletiva, que não resulta de uma individualidade. Pelo contrário: é fruto de um árduo trabalho de recriação, de busca de memória, de atualização às situações locais. Trata-se de um patrimônio cultural; propriedade de todos (Alcoforado, 2008) e que entramos em contato praticamente desde o nascimento, especialmente pelas cantigas: atinge todos os indivíduos, independentemente de sua classe social (Topa, 2000).

Metodologia

O desenvolvimento das atividades ocorre pela experiência vivida e compartilhada entre alunos e professores supervisores de uma Escola Municipal em Seropédica. De forma coletiva, todo o planejamento do projeto contou com uma pesquisa-ação, em que as alunas bolsistas não apenas deram continuidade à sua formação docente, mas procuraram intervir, de alguma forma, na realidade encontrada. Acreditamos, como pontua Tripp (2005), que tal modelo metodológico, no campo educacional, representa uma estratégia para o desenvolvimento dos próprios professores quanto ao seu ensino. Ademais, pela própria característica do Programa, a participação na escola, por conta da iniciação à docência, já tende a fazer daquele mesmo espaço um campo de investigação das bolsistas, a partir de suas próprias práticas e do que fora planejado pelo projeto do Curso de Pedagogia. Trata-se da prática contextualizada pela teoria e, ao mesmo tempo, pelo tripé pesquisa-ensino-extensão efetivamente realizado ainda na formação acadêmica inicial. O desenvolvimento metodológico foi realizado em dois momentos distintos, mas complementares: na Universidade, com a professora coordenadora do grupo, através das escolhas e discussões das obras a serem utilizadas na escola, bem como da dinâmica de realização das atividades para o registro das observações. O segundo momento, concomitantemente, vem ocorrendo na escola, junto à professora supervisora do grupo, a partir da conversa inicial das obras, quanto à melhor forma de desenvolver as ações com as crianças, em função do perfil da turma – em dois dias por semana, as bolsistas conseguem planejar e executar as propostas que serão, na semana seguinte, avaliadas antes da continuidade do projeto. Para facilitar o andamento das propostas, o grupo de cinco bolsistas foi dividido em dois subgrupos (G1 e G2), a fim de dar conta dos dois temas

norteadores do projeto, a saber: identidade e memória. Dessa forma, foram assim nominados: *Dando assas ao meu nome e ao meu lugar* (G1), com intenção de priorizar a literatura escrita-oral em temas de reconhecimento – construção do nome da criança como identidade, a partir do real e do fictício (quem sou eu e quem eu gostaria de ser); e *Dos cantos e contos na educação infantil* (G2), no intuito de evidenciar a literatura oral-escrita nos contos de tradição oral e de folclore – resgate em memória de parlendas e de trava-línguas. Em ambos os grupos, utilizamos, como suporte metodológico, a contação de histórias, tanto por seu caráter oral, quanto por acreditar que todos nós nascemos em meio às histórias, nos reconhecemos nelas e, por isso mesmo, nossa vida se organiza, desde pequenos, por seus fios condutores – tecidos por nós ou por outrem (Sisto, 2001). Este trabalho, no entanto, privilegiará as atividades desenvolvidas na relação entre os dois Grupos, no intuito de constituir uma memória inicial docente das alunas no Programa.

Resultados e Discussão

Apesar de incipiente, o grupo de bolsistas do último edital 2013/2014, com início das atividades em abril de 2014, já apresentou resultados importantes que têm proporcionado a todo o grupo reflexões e discussões constantes sobre o trabalho com os alunos na escola. Nas propostas do G1, as atividades partiram da temática: "Conhecendo o meu Nome – construindo um crachá". Após a construção coletiva dos crachás, apresentamos uma das obras escolhidas: o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox (1995), que trata da história de uma criança que ajuda uma senhora a resgatar suas memórias. A leitura possibilitou às crianças entenderem o significado de memória, além de estabelecer relações entre a história lida e a proposta do projeto, o que estimulou um diálogo sobre as memórias de cada um. A etapa seguinte partiu da leitura do livro *Quem soltou o Pum?*, de Blandina Franco e José Carlos Lollo, cuja história trabalha com diversos trocadilhos, criando frases e situações a partir das trapalhadas de um cachorro cujo nome integra o título da obra. O trabalho com nomes 'diferentes', mas que marcam a identidade, foi muito realçado por essa contação com as crianças. Em seguida, utilizamos o livro *Não!*, da autora espanhola Marta Altés, que se trata também de um cachorro levado, que 'pensa' ser esse o nome dele em função de ser a palavra que seus donos mais pronunciam em sua direção o tempo todo. O fechamento da primeira etapa desse grupo foi com o livro *A velhinha que dava nome às coisas*, de Cynthia Rylant, cuja escolha ocorreu pela particularidade de a personagem principal dar nomes próprios aos objetos de que mais gostava, a começar pela casa. Para o acervo da bebeteca, as contações de histórias foram gravadas e transformadas em audiobooks. No G2, as cantigas de roda foram escolhidas pelo grupo, pela facilidade de busca de memória, por meio da oralidade, de alunos ainda tão pequenos. A partir da música "Se eu fosse um peixinho", foi montado, com a turma, um quebra-cabeças e um cartaz com o tema da música, no qual o espaço do nome fora deixado de forma lacunar para que cada um o introduzisse em seu momento de participação na parlenda.

Conclusão

Por ser contínuo, o projeto tem o intuito de proporcionar ao aluno, na escola, a apropriação de sua identidade, pois compreende a criança como um ser social e histórico; pretende, pois, continuar a criar meios de aquisição de conhecimento de si mesmo e do mundo que a rodeia e a construção de outros valores de vida. Como resultados incipientes, pudemos vivenciar práticas escolares de valorização da identidade e da memória, em um universo ainda pouco explorado para tais temas, como a educação infantil. Foi possível observar que muitas crianças passaram a ter mais interesse quanto ao (re)conhecimento de seu espaço, por meio das histórias lidas e das cantigas trabalhadas. No momento, o grupo realiza a construção de um espaço de memória, a partir da construção de uma bebeteca na escola, constituída de materiais fabricados nas atividades de pesquisa-ação das bolsistas com os alunos.

Referências Bibliográficas

- ALCOFORADO, D. F. X. Literatura oral e popular. In: Revista Boitatá. Edição de ago-dez de 2008.
- BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas I. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KRAMER, S. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2008.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira: histórias e histórias. São Paulo: Ática, 1999.

SISTO, C. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Chapecó: Argos, 2001.
TOPA, F. Literatura oral: pare, escute e use. In: Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literatura, II Série, Volume XVII. Porto: Faculdade de Letras, 2000.
TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.